

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

9 a 22 de Outubro de 2018 | Nº 171 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça •

..... Kz 50,00

ARTES

Pág.
12

Síndrome do vinagre corrói cinema angolano



ECO DE ANGOLA



Agostinho Neto
Doutor Honoris Causa

ARTES

Pág.
10

Viagem a Poto-Poto

O regresso
às origens
de Kapela



PATRIMÓNIO CULTURAL

Pág.
14



A caça entre
os Lubolo e Kibala



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Lukoki e Aznavour na barca de Rá

Aqui na Terra, uns andam de candongueiro, outros viajam de jacto privado. Mas quando se vai para o Reino dos Mortos, todos viajam no barco solar de Rá (mesektet), que, por causa da sua primazia mitológica, nascida no Egipto Antigo – a primeira potência mundial da História – é, até prova em contrario, o veículo mais apropriado para nos levar desta para melhor.

Mera coincidência factual, ou esotérica concertação astral, o angolano Ambrósio Lukoki “Nzakimwena”, ex-ministro e embaixador, e o francês Charles Aznavour, insigne cantor e actor de cinema, deixaram este mundo no mesmo dia 1 de Outubro e, por essa razão, lá se foram os dois encontrar sentados lado a lado, na barca solar do deus Rá.

Baloçando levemente nas ondas subterrâneas do mágico e imponente rio Nilo, pergunta, a sorrir, o nosso ex-ministro da Educação ao seu inesperado companheiro de jornada:

– Ó ilustre Charles Aznavour, saiba que você compôs uma canção que me marcou toda a vida. Tem por título Hier Encore (ainda ontem). Lembra-se dessa canção?

– Lembro-me, querido companheiro deste barco funerário. Olhe que não esqueço nem uma letra das 650 canções que compus. Trago-as aqui todas na minha alma e vou entreter Osíris, lá no salão dos Mortos, cantando-as uma a uma, até ele adormecer. Assim, safamo-nos e bem do juízo final, ah, ah, ah!, – sorriu a bandeiras despregadas o músico.

– Ah, ah, ah! – corroborou Nzakimwena. – Mas, diga-me uma coisa, Charles, essa canção nostálgica, agora e aqui, não te traz saudades lá da Terra?

– Saiba que não, Lukoki, cumpri a minha missão, fui homenageado em vida, até uma estátua me ergueram na Arménia, de onde sou descendente, emocionei muitos corações, que as minhas músicas inspirem outras e os meus filmes ajudem a pacificar o mundo cruel que deixámos. Mas, então, e você, Lukoki, leio na sua alma que você foi um político influente em Angola. Tem algum receio de Osíris o condenar por essa sua escolha de vida?

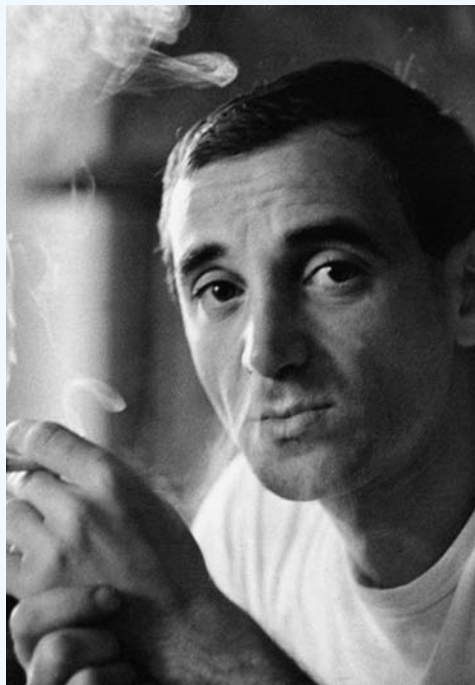
– Não tenho receio algum, meu caro Charles. Nem sempre somos nós que escolhemos. No meu caso, era jovem e vivia num país colonizado. Não tive escolha. Entrei para a política, dei o meu contributo para a independência do meu país, se tivesse que voltar atrás, nas mesmas condições, não hesitaria.

– Folgo em ouvi-lo, meu ilustre Lukoki. Estamos quase a chegar ao nosso destino final. Já vejo Osíris e os seus 42 assessores à nossa espera. Deixa-me começar a cantar...

– Então, Charles, comece por aquela belíssima canção La bohème (A boémia)...



Ambrósio Lukoki



Charles Aznavour

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior
 José Alberto Domingos
 Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
 Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos

Olímpio de Sousa e Silva
 Catarina Vieira Dias da Cunha

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 171/Ano VII/ 9 a 22 de Outubro de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editores:

Adriano de Melo e Gaspar Micolo

Secretária:

Ilda Rosa

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
 Adilson Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
 e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Adão Diogo, Albano Cardoso, Álvaro Santos, João Ngola Trindade, Lito Silva, Soberano Kanyanga, Vítor Burity da Silva.

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha Correo da Unesco, Modo de USAR & CO e Obvious Magazine.

Agostinho Neto, Doutor Honoris Causa Reconhecimento ao primeiro Reitor da UAN



Maria Eugénia Neto recebeu o título de Doutor Honoris Causa atribuído, a título póstumo, para António Agostinho Neto

GASPAR MICOLO

Com a Independência Nacional, a 11 de Novembro de 1975, a então Universidade de Luanda ganhava estatuto de universidade nacional e passava a designar-se Universidade de Angola, com a promulgação da portaria nº 77-A/76, de 28 de Setembro. O Presidente da República e primeiro Reitor, António Agostinho Neto, queria "os quadros nacionais com uma nova mentalidade, capazes de funcionar como artífices de uma nova sociedade visando o triunfo da democracia popular".

Hoje, a primeira instituição de ensino superior do país, que passou a designar-se Universidade Agostinho Neto, a 24 de Janeiro de 1985, mantém o desafio de formar quadros nacionais para o desenvolvimento da sociedade; e, enquanto o faz, reconhece o papel fundamental do seu primeiro reitor ao outorgar no dia 25 de Setembro de 2018, no Centro de Conferências de Belas, a título póstumo, o título Doutor Honoris Causa ao seu patrono e primeiro reitor, Dr. António Agostinho Neto. A atribuição do título deve-se a coragem e o sentido nacionalista e patriótico demonstrado por António Agostinho Neto numa altura difícil para o país e ao empenho na formação de quadros qualificados para ajudarem no processo de reconstrução e desenvolvimento da nação.

Ao dirigir-se à vasta audiência, o rei-

tor da UAN, Pedro Magalhães, começou por justificar que "as suas acções foram no sentido de mostrar que não há um bem maior do que educar uma nação! O Dr. Agostinho Neto cumpriu esse papel na medida em que criou as bases para que hoje a pátria angolana tivesse alicerçado um sistema de ensino ao nível mais elevado – o ensino superior, tendo sido por isso o primeiro reitor da Universidade de Angola."

Pedro Magalhães explica que os homens tornam-se notáveis quando os seus feitos vão no sentido do bem-fazer, na protecção da vida humana, na promoção dos valores nobres, da liberdade e da justiça. "Ninguém tem dúvidas do quanto o Dr. António Agostinho Neto fez pela Nação angolana e pelo desenvolvimento do nosso País, pela independência dos povos da África e pela promoção da justiça no mundo do qual somos parte integrante."

O reitor da UAN partilha com a vasta audiência um depoimento de um dos membros da ex-Comissão Directiva da então Universidade de Luanda, um colaborador directo do reitor Dr. António Agostinho Neto, para elucidar a visão que o líder transmitia à sua equipa: "Para além do melhoramento da formação técnica e científica dos quadros que deviam ser formados, paralelamente, era necessário tirar maior proveito dos resultados das pesquisas científicas certificados e publicados, desde os primeiros anos do estabelecimento do ensino superior em Luanda, e o rendimento dos equipa-

mentos instalados, mau grado a fuga precipitada de docentes, dos técnicos de várias especialidades e de alguns discente com conhecimentos e prática demonstrados. Numa Angola que se pretendia moderna, dotada de quadros tecnicamente capazes, preparados cientificamente e treinados para fazerem face as etapas que se avizinhavam, a Universidade deveria ter a capacidade de formar profissionais para garantir de forma soberana que os melhores pusessem o seu saber não somente na execução das actividades ligadas as suas especialidades, mas também na docência e passarem as suas experiências no decurso das aulas práticas."

Por fim, Pedro Magalhães explica que, como se pode perceber, o reitor Agostinho Neto tinha clara noção do papel duma universidade no desenvolvimento dum País, da relação entre a prática e a teoria. "É tão interessante que são exactamente estas as linhas de orientação que temos procurado perseguir e corrigir ao longo dos tempos", disse, para depois declarar: "eu Pedro Magalhães, reitor da Universidade Agostinho Neto, confiro ao Dr. António Agostinho Neto, a título póstumo, o título de Doutor Honoris Causa, que lhe foi concedido pela classe académica desta universidade, de acordo com o que estipula o estatuto orgânico da nossa

universidade." De seguida, a viúva de Agostinho Neto, Maria Eugénia Neto, recebeu do reitor da UAN, Pedro Magalhães, o diploma em papiro, as vestes e a medalha de Reitor.

Maria Eugénia Neto começou por lembrar que naquele dia 25 de Setembro se celebrava o Dia do Trabalhador da Saúde, em homenagem ao Dr. Américo Boavida morto em plena luta armada de libertação nacional, e por essa razão, era com bastante honra que recebia o título que a Universidade Agostinho Neto decidiu render ao seu primeiro reitor e patrono.

"É com profunda emoção que, em meu nome pessoal e da minha família, agradeço a decisão e o gesto da Universidade Agostinho Neto de outorgar, postumamente, a honraria e o grau de Doutor Honoris Causa a António Agostinho Neto, meu esposo e companheiro de uma vida sem tréguas."

Para Maria Eugénia Neto, o gesto ganha uma nova dimensão no momento em que o país desperta para a necessidade de retornar às sábias orientações cardeais de Agostinho Neto, nomeadamente, primeiro: "a agricultura é a base e a indústria o factor decisivo", segundo: "o mais importante é resolver os problemas do povo" e terceiro: Angola é parte integrante do concerto das nações e deve ter voz igual e participar no progresso da humanidade.

Depois de discorrer sobre os desafios da agricultura alimentar e da indústria agro-alimentar e elencar um conjunto de sectores prioritários para redução das importações, Maria Eugénia Neto, chama a atenção dos convidados e explica que, quando Agostinho Neto orientou para a solução dos problemas do povo, "o seu objectivo era nortear a governação para o bem do povo e não de uma elite e era destinar os recursos para a saúde, a educação, a habitação, os transportes, a água, a electricidade, a justiça e outros sectores vitais e não para serem desperdiçados numa gestão danosa e ruínoza que nos levou a uma profunda recessão."

Maria Eugénia Neto aproveitou o momento para apelar aos académicos presentes a unir esforços para se concluir, faseadamente, o Campus Universitário, por formas a dotar a universidade de imóveis e infra-estruturas, tais como oficinas, laboratórios, hospital universitário e as residências dos professores e alunos. "A nossa universidade deve acertar o passo à modernidade e desenvolver o ensino, a par da investigação e das diversas áreas de extensão, para que a ciência e a tecnologia em Angola ajudem o crescimento de todas regiões do país", disse.



Aculturação e indução de mudanças comportamentais em "O impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses" de Orlando Victor Muhongo

A editora Nefertiti publicou em 2017 a obra de Orlando Victor Muhongo, intitulada "O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses".

Licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Privada de Angola, Orlando V. Muhongo é analista de política internacional e autor de "A Arte de Sentir" (2008) e "Os Angolanos que Libertaram Mandela – A Desconstrução de um Mito" (2016). Em 2004, venceu o concurso de poesia sobre a paz, organizado pela ex-Liga Africana.

"O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses" é uma pesquisa desenvolvida e apresentada como um dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta (Portugal).

Nesta obra de 131 páginas, estruturada em cinco capítulos, o autor traz ao debate a questão da identidade cultural angolana que considera ser um fenómeno em permanente construção devido a aculturação e as migrações de povos, daí que numa perspectiva histórico-antropológica se tenha referido aos movimentos migratórios dos povos Bantu (Ambundus, Ovimbundu, etc.) em direcção ao actual território angolano, inicialmente habitado apenas pelos Kung e os Vatuas.

A chegada dos Portugueses (séc.XV) e o estabelecimento dos primeiros contactos entre estes e o Reino do Kôngo, e posteriormente com outros povos africanos organizados politicamente, constitui para o autor um período importante no estudo da aculturação em Angola.

De facto, a colonização revelou-se, acima de tudo, como um projecto de dominação cultural exercida actualmente através dos meios de comunicação e de difusão cultural, como a televisão, produzidos e controlados pelos países desenvolvidos tecnologicamente e economicamente.

Aliada do cinema e com alcance global, a televisão afigura-se actualmente como um meio de disseminação da cultura Ocidental inserido na estratégia de uniformização cultural. É dado adquirido que este meio de comunicação de massas possui um enorme poder de persuasão e de manipulação.

Enquanto alguns optimistas (ROBERT apud LOURENÇO 2014) consideram a globalização como um processo de representação da diversidade cultural por via das tecnologias de comunicação e de informação, do outro lado, estudiosos como Huntington (1997), Assis (2014) e Benjamim (apud ABREU 2014) partilham da

ideia que ela seja um fenómeno pluridimensional, omnipresente, caracterizado pela influência unilateral e com repercussões em todos os domínios da vida das sociedades, particularmente daquelas que dispõem de poucos recursos tecnológicos para proteger-se da invasão, ou penetra-

de Angola, como o Município de Marimba, localizado em Malanje, onde os sobas apontam a brasileirização fomentada pelas telenovelas brasileiras como um elemento negativo. "No nosso tempo", afirmam os sobas, "não havia novelas".

De facto, não existem registos de



JOÃO NGOLA TRINDADE



Orlando Victor Muhongo (à direita)

ção, dos valores, ideias e práticas disseminados pelo Ocidente, visto que a influência cultural parte do topo da pirâmide para a base, i.é, do centro para a periferia. O oposto, sustentam os estudiosos, não acontece.

Neste sentido, e no caso concreto, a brasileirização como a influência da cultura brasileira sobre os habitantes da cidade de Luanda seria uma variante da globalização hegemónica que, contrariamente ao que sucede nas zonas rurais, exerce forte impacto nas cidades.

A resistência às influências externas nas zonas rurais justifica-se por não registarem praticamente progresso algum, que seria efectivado com a extensão do ensino, da rede hospitalar, de supermercados e de outros serviços existentes apenas nos centros urbanos. Daí a prevalência das práticas e rituais ancestrais nestas localidades.

Todavia, os efeitos da aculturação são visíveis em algumas zonas rurais

que as telenovelas brasileiras tenham sido exibidas em Angola durante o período colonial; o início da sua transmissão em Angola ocorreu apenas no período pós-colonial (1979).

Com a liberalização da economia angolana, no início da década de 90 do século XX, e a instalação da Multichoice em Angola, registou-se um aumento exponencial do consumo de telenovelas brasileiras pelos cidadãos angolanos que, insatisfeitos com a pouca qualidade da programação da Televisão Popular de Angola (actual Televisão Pública de Angola), aderiam massivamente aos serviços prestados pela referida empresa, dentre os quais se destacam as telenovelas brasileiras.

A ânsia pelo consumo de telenovelas brasileiras caracteriza o comportamento de muitos cidadãos, e, em muitos casos, continua a ser o factor determinante para a adesão aos serviços de televisão por satélite.

Em Luanda, Província onde foi desenvolvido o estudo de campo, regis-

taram-se incêndios em algumas residências iluminadas à luz da vela, que ceifaram a vida de crianças enquanto as suas progenitoras (que em casa não possuíam o serviço televisivo por satélite), assistiam os episódios de telenovelas brasileiras em casas das vizinhas.

Sendo a população angolana maioritariamente feminina, a clientela que assiste as telenovelas brasileiras é formada na sua maioria por mulheres que, atendendo a sua estrutura psicológica, tendem a ser muito mais receptivas, que os homens, às mensagens afectivas partilhadas pelos personagens das telenovelas.

Tal facto não significa que não existam cidadãos do sexo masculino ávidos em assistir novelas. Em alguns casos, os minutos que antecedem a exibição destas é marcado por um autêntico frenesim que envolve cidadãos, inclusive um professor que, «pressionado» pela aproximação do horário em que determinada novela era trans-

mitida, exigia aos seus alunos que terminassem rapidamente os exercícios que indicava para que, depois de terminada a aula, pudesse assistir aos seus episódios.

Se é certo que o capitalismo cria e impõe "necessidades" (ASSIS 2014, BARBER apud ABREU) ao homem, não deixa de ser verdade que o indivíduo é persuadido a consumir permanentemente produtos culturais oriundos de uma sociedade, cujas práticas e comportamentos disseminadas pela televisão acabam por ser integradas no seu estilo de vida (HUNTINGTON 1997).

Em Portugal, o poder hipnotizador das telenovelas brasileiras evidenciou-se na segunda metade da década de 70 - período em que pela primeira vez foi exibida a telenovela Gabriela Cravo e Canela, tendo na época havido uma sessão parlamentar que fora interrompida para que os deputados pudessem assistir a um dos seus episódios.

No caso angolano, a ausência do espírito crítico derivada da fraca qualidade do ensino a qual se adiciona fascínio por tudo quanto seja estrangeiro favorece a incessante importação de produtos culturais, que se traduz na (1) imposição cultural, (2) dependência cultural e, por último, na (3) alienação cultural.

"O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses" é um estudo interessante sobre os efeitos da aculturação em Angola - uma questão analisada por autores angolanos e estrangeiros.

Todavia, ao longo da pesquisa o autor dialoga apenas com estudiosos europeus e americanos. Apesar da importância que os estudos destes autores possam ter para o conhecimento das dinâmicas que se registam actualmente nas sociedades africanas, eles, por força da herança intelectual deixada pelas gerações de intelectuais precedentes, não deixam de reflectir a visão hegemónica sobre o continente africano, que começou a ser construída no passado em que os Europeus criaram o etnónimo Bosquimanes (usado igualmente por Victor Muhongo) e o atribuíram a um determinado povo - os Kung - que supunham ser formado por "homens da selva".

Pelo que, urge a necessidade de produzir um discurso crítico, endógeno, alicerçado nos autores angolanos (vide a bibliografia) que se debruçaram sobre a aculturação em Angola na era da glo-

balização, de modo a aprofundar o estudo sobre o fenómeno em causa.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Joaquim, «Tendências e Impactos da Globalização Económica. Uma Abordagem Teórica na Entrada do Século XXI», in: MULEMBA - Revista Angolana de Ciências Sociais, Novembro de 2014, Vol. IV, Nº8, pp. 475-506.

ABREU, Cesaltina, «Globalização: da Transformação do Espaço à Oportunidade de Mudança Social», in: MULEMBA - Revista Angolana de Ciências Sociais, Novembro de 2014, Vol. IV, Nº8, pp. 393-422.

ANTUNES, Gabriela, «Uma Educação Melhor», in: Crónicas Apressadas - Ano Um. Luanda: INIC, 2ª edição, Coleção Escritos Espontâneos Nº 4, 2002, pp. 85-86.

BARBEITOS, Arlindo, «Tradição, Modernidade e Mudança Social em Angola», in: MULEMBA - Revista Angolana de Ciências Sociais, Novembro de 2014, Vol. IV, Nº8, pp. 33-55.

CRUZ, Viriato da, «O Intelectual Negro e as suas Responsabilidades», in: ROCHA, E., SOARES, F., FERNANDES, M., (Coord.), Angola - Viriato da Cruz, O Homem e o Mito. Lisboa: Prefácio, Luanda: Chá de Caxinde, 2008, pp. 373-385.

FANON, Frantz, Pele Negra, Máscara Branca. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFA), 2008.

HUNTINGTON, Samuel, O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mun-

dial. Trad. M.H. Cortês, Objectiva, 1997.

IMBAMBA, José, Uma Nova Cultura para Mulheres e Homens Novos. Um Projecto Filosófico para Angola do 3º Milénio à Luz da Filosofia de Battista Mondin. Luanda: Paulinas, 2ª edição, 2010.

LOURENÇO, Heitor, A Televisão e a Criação de Significados na Criança. Luanda: Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), Edições Pedagogo & Edições Mulemba. Coleção: Incubadora das Ciências Sociais e Humanas, 2014.

MACEDO, Jorge, A Dimensão Africana da Cultura Angola (Ensaio). Luanda: INIC, 2ª edição, 2010.

MENDONÇA, José, «Reencontrar África. Manifesto do Renascimento Artístico-Cultural Angolano», in: III Conferência Nacional sobre Literatura Angolana. Luanda: LEV'ARTE, Editora Acácias, 1ª edição, 2016, pp. 45-60.

MUHONGO, O Impacto das Telenovelas Brasileiras nos Luandenses, 1ª edição, Editora Nefertiti, 2017.

NELSON, Lourenço, «Globalização e Glocalização: o Difícil Diálogo entre o Global e o Local», in: MULEMBA - Revista Angolana de Ciências Sociais, Novembro de 2014, Vol. IV, Nº8, pp. 17-31.

NETO, Agostinho, 1979, ... Ainda o Meu Sonho (Discursos sobre a Cultura Nacional). Luanda: Ministério da Cultura, 1ª edição, 2009.

SOUSA, Fonseca, «Os Órgãos de Comunicação Social e a Sociedade»,

in: Colóquio Sobre Identidade Cultural; Identidade Nacional. Luanda: INIC, 1ª edição, 2014, pp. 28-33.

TRINDADE, João, «Empréstimos Culturais. Apontamento de Um Trabalho de Campo», in: O Papel do Escritor na Sociedade Colonial Angolana. Lisboa: PERFIL CRIATIVO EDIÇÕES, 2018, pp. 61-75.

ZAU, Filipe, «Educação e Serviço Público de Televisão», in: Do Acto Educativo ao Exercício da Cidadania. Luanda: Mayamba Editora, 1ª edição, Kunyonga, 2012, pp. 111-115

COM IMPACTO PSICOLÓGICO.

A percepção que se tem é a de que o processo globalizador tem sido conduzido pelos países produtores e detentores de recursos tecnológicos sofisticados que os instrumentalizam em defesa dos seus interesses. Entre os países detentores destes recursos encontram-se as principais ex-potências, como a Inglaterra e a França.

Representada nas telenovelas brasileiras e consumida por via da música e de outros produtos oriundos do Brasil.

A americanização, a italianização, etc., seriam outras variantes da globalização associada à aculturação. Pois, os dois processos interligam-se.

Como os rituais de iniciação, a circuncisão com recurso a instrumentos artesanais, etc. Com o aumento do nível de instrução e a emigração dos jovens de ambos sexos para as cidades, estes tendem a abandonar as referidas práticas. Tratando-se da circuncisão masculina, ela é feita nos hospitais ou centros médicos existentes nas cidades ou nos bairros periféricos.

Onde efectuámos um trabalho de campo em 2013. O soba João Aza Mwanza, por exemplo, afirmou ser usuário do facebook e em sua casa está instalado um receptor do sinal de satélite (antena parabólica).

Na época, única estação televisiva angolana.

No período nocturno.

Alguns intelectuais de países cuja população é maioritariamente muçulmana, mostram-se contrários à difusão da cultura americana nos seus respectivos países e defendem a criação de meios que permitam conter a invasão cultural do Ocidente nos seus respectivos países.

Muitas vezes de qualidade duvidosa.

Altamente pejorativo.





Rei da Lunda-Tchokwé
Muatchissengue Watembo

Ensino da língua Cokwe no topo das prioridades defendidas em Saurimo

O primeiro Workshop sobre cultura Lunda-Cokwe, organizado há dias na cidade de Saurimo marcou o despertar de uma nova visão em prol do resgate da sua identidade. No fórum a língua ocupou o topo das prioridades na desafiante empreitada que visa confiar às novas gerações um legado sólido do rico manancial de conhecimentos que garantiu uma convivência harmoniosa nas comunidades.

ADÃO DIOGO | SAURIMO

O pano-saia, da indumentária ostentada por alguns funcionários desperta a curiosidade de dezenas de convidados acomodados numa sala de conferências do hotel Kawuissa, centro da cidade de Saurimo, decorada onde as armas de fogo de fabrico artesanal, imagens esculpidas de troncos de árvores, instrumentos musicais e artefactos de uso doméstico assinalam o convívio harmonioso entre o moderno e o tradicional.

A valorização da língua Cokwe considerada pilar importante na identificação da cultura sobressai dos debates, com um número assustador de inscrições, para contribuir no resgate de valores sufocados pelas circunstâncias e por esta via perpetuar um legado que permita as novas gerações manterem na diferença os traços de identidade.

O Workshop, colheu subsídios importantes. O desgaste despontado nas intervenções conferiram mérito à iniciativa reputada como passo importante pa-

ra executar uma empreitada desafiante que deve entre outros locais começar com o ensino aos jovens, a partir de jangos, sob a orientação dos mais velhos com competência reconhecida afim de transmitirem a experiência necessária.

Réplicas e tréplicas acaloraram as acusações e argumentos de defesa entre os intervenientes, motivados pelos detalhes nas preleções apresentadas, sobretudo quando os adultos acusaram os jovens de pautarem pela insubordinação, imediatismo e falta de urbanidade na via pública e no meio onde vivem, em relação aos temas, "A importância da divulgação do Cokwe, Influência das novas tecnologia na preservação da língua, nomes e adágios, e a importância dos ditos na cultura Lunda-Cokwe".

Atenta a governadora em exercício Madalena Uqueve Xili, defendeu urgência por parte das estruturas competentes a multiplicação de iniciativas que estimulem o ensino e debates sobre aspectos relevantes do manancial da cultura Cokwe, herança social de hábitos e costumes, colocando o homem no centro das atenções. Ao Reconhecer que "nenhuma cultura é superior à outra",

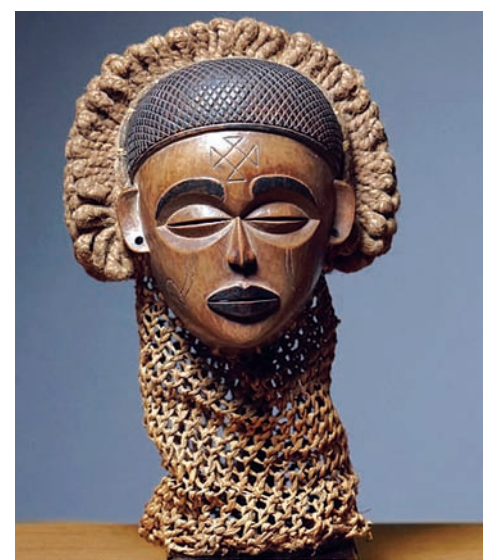
nota que a cultura Cokwe "é das mais ricas" no país e alertou sobre o perigo de "aculturação, na destruição de traços de identidade". Ofélia, subscreveu a proposta de edificação de jangos, para transmitir "bons hábitos e costumes" aos jovens numa perspectiva de prepará-los como líderes com bagagem suficiente para garantir estabilidade nas comunidades.

ORIGEM E LIDERANÇA

Discorrendo sobre o passado o historiador João Baptista Manassa ressaltou que os povos Cokwe são produto de migrações, em diferentes épocas, a partir de África Central Bantu, iniciadas na região de Culango, na imediações de Tanganica.

Tradicionalmente, acrescentou, os Mbungu ou Tumbungu, assim designados os grupos que habitaram o território Lunda, preocupados a dispersão de grupos, elegeram um líder que entre outros desafios tinha a missão de aglutinar as tribos da região, destacando o nome de Yala Muako no século VII depois de Cristo d.C, segundo dados subs- critos por antropólogos e cientistas.

Para garantir a execução dos programas de governação que entre outros fins visaram a manutenção da unidade, solidariedade e gestão do património do reino este último integrado por "territórios, respectivos rios, florestas, entre outros recursos" o rei contava com um pelouro de gestores distribuídos para as áreas afins. A consanguinidade determinou a inte-



Mwana Pwo

gração na linhagem (Munhachi).

Uma pulseira exclusiva conhecida por Lucano, no braço direito, usado de forma obrigatória sobretudo nas aparições em público, simboliza o poder do líder. O seu uso no braço esquerdo do líder, e um chapéu (Txipamgela) confeccionado com adornos especiais, é um detalhe curioso na cultura Cokwe. Via de regra o pátio da casa do líder é delimitado por uma cerca de estacas espetados no chão.

CONFLITOS MIGRAÇÕES

Aprelecção esboçou os conflitos no reino que geraram facções responsáveis pelas migrações a partir da sua capital Musumba, no Congo Democrático. O prelector assinalou a margem esquerda do rio Cassai como itinerário importante do fenómeno migratório e o desabamento de uma torre a sua construção, projectada por um grupo de renomados artífices, à semelhança de Babel, afim de tocar o céu. Sublinhou que parte dos escombros do empreendimento jazem numa localidade que confina os municípios de Dala e Cacolo.

Descreveu a complexa genealogia até à entronização do soberano Cokwe Mwatshissengue Watembo, e nota que as circunstâncias vividas em distintos momentos alteraram de hábitos e costumes. Perante o perigo eminente de extinção de valores, os "Tuchokwe", assim conhecidos no passado são chama-



dos a preservarem a cultura Cokwe, a começar pela língua.

As tecnologias na visão do prelector António José Augusto é um suporte ao importante para a divulgação de factos no domínio da cultura, longe de carregar o rótulo de "inimigo que adultera e delapida os sinais de identidade". Criado pelo homem para aproximar as pessoas "não deve criar repulsa ou rejeição sob o velho subterfúgio de "ser obra do branco".

António Augusto que é chefe de departamento da cultura na província do Moxico narrou parte da realidade constatada no decurso de incursões para pesquisa pelo interior, em busca de provas autênticas sobre o passado afim de actualizar e publicar conteú-

dos que de forma pedagógica despertem o interesse e agreguem valores às novas gerações, apegadas às redes sociais onde as mensagens espelham realidades alheias à cultura da região.

Referiu que o preço para alterar o quadro vigente implica coragem, inteligência e sentido de compromisso para enfrentar deboches e outras formas de desdém diante de iniciativas singulares ou colectivas como a do "Hano Hene". O projecto em curso carece de um grupo de intensidade para resgatar dos mais velhos o legado guardado. Para a sua divulgação os protagonistas do Hano-Hene optam pelo teatro com grupos baseados em zonas alvos de pesquisas, e a compilação de dados em arquivo digital para garantir subsídios no processo da actualização da história.

Das constatações o interlocutor destacou a passagem pela travessia do Kawewe, sobre uma rocha, no Cassai, localidade situada no território de Muconda, usada por uma comitiva de líderes e respectivos súbditos tradicionais, que peregrinaram pela baixa de Cassanje, Marimba em direcção a Mukulo ua ngola. Incentiva à realização de pesquisas às origens, citando a região de Tanganica.

HOMENS NO MUNGONGE E MULHERS NO TXIWILA

O valor das instituições tradicionais

de ensino, Mungonge e Txiwila para as mulheres. Mitos e crenças sustentavam a simbologia de Deus através da água, e ânsia de chegada à terra prometida. A palavra Calunga na perspectiva das instituições traduzem a ideia de mar, com um sentido interpretativo múltiplo, daí o valor sagrado da água usado para o banho e outros fins.

As prelecções convergiram em relação à necessidade de descoberta da verdade mediante um regresso ao século IV. A chegada tardia do colonialista no antigo distrito da Lunda-Cokwe levanta séria dúvidas sobre a autenticidade da história escrita da região, à semelhança da existência da tribo Lunda, pelo facto do termo Tumbungu, atribuído aos antigos habitantes da Lunda, designar povos fixos da região.

Ressaltaram o impacto da circuncisão (Mucanda), prova de fogo que culmina com a capacitação do jovem para os desafios na vida em comunidade. A iniciação feminina na puberdade para corresponder às exigências no lar, variantes na escrita da palavra Cokwe por vezes alterado para Txokwe, ou Tchokwe e quíocos nas versões da escultura Samanhonga, com as mãos sobre a cabeça ou apoiando as bochechas, geraram inquietações entre os participantes que recomendaram estudos e análises para dissipar dúvidas.

Sentados num copo vazio

Há entre as ideias e o percurso um perfume calado, uma sombra disfarçada que cante e deslumbre quem devagar passa por uma livraria e descobre o inusitado sentado à esquerda da montra.

Os silêncios que nos falam, os olhares que nos explicam, o dilúvio de viver entrincheirado nesta liberdade de ser, nesta vontade de contar contos aos que nos escutam num sofá de qualquer sala. As ideias são divagantes, caminham, viajam noites e dias sob a luz reflexa das saudades, dos remorsos e das ideias, os silêncios encantam e inebriam as falésias escondidas por qualquer cidade aberta junto a um mar muito perto, sim, somos o reflexo da nossa própria inconstância, o inflexo da nossa própria verdade, inócuos perante a fatalidade.

Sabes, quantas vezes me apetece nadar por essa água furtiva de quimeras que varrem os tempos, ir até onde me permitem as forças, varrer o tempo e a distância num mergulho de mel nesta água salgada. Vivo entre os momentos e o tempo que tiver para sorrir e cantar, este quarto de letras abstractas mergulhadas nas lamelas de xanax, cansado tantas vezes me sinto, sim, o cansaço de hibernar nesta sala de todos onde e com todos a ladearem-me entre paredes abertas, ouvir o ruído do vento lá fora, as trincheiras

varridas da vida desta casa sem ninguém onde todos sentados num copo vazio.

Leio à esquina Brecht, numa outra socapa, Becket, releio a vida num escuro vadio e só fados na alma, a casa cansa-me de vertigens ambulantes como ciprestes a vadiarem as linhas desta página, das maresias lá longe onde nem mar se encontra, o baldio solto nas montras distantes e eu num casebre



Imagem sobre papel Aldemir Martins, o cangaceiro Nanquim

sozinho sem ofuscar nada varrendo as esquinas com palavras soltas levadas a vento, sabes, a vida torna-se curta com esta distância e vontade de ir mais longe, tudo fica ali ao lado como num enterro de tantos ao mesmo tempo, de todos numa vala comum sem sapiência nem oração.

O meritíssimo deambula às voltas da campanha suplicando o divino, a eternidade já foi e ainda permanece nestas cabeças de vulto vago entre cansaço e velório, a morte canta na nossa voz onde lágrimas se despedem do sonho. Um sonho curto ainda que com tantos anos à sua frente. Ao olhar dos presentes uns pedaços de terra avermelhada ali encostada e nós distantes, pensando sem pensar, acredito, tudo cansa e até a se morte esmorece nas nossas cabeças que viajam a vida na sua estrada de saúde e glórias. Sinto despenharem-se sobre a



VÍTOR BURITY DA SILVA

cabeça jorradadas de água fria, o decambar de nuvens insípidas e vazias sobre nós, somos tantos ali e nada parece ser verdade, sim, que será então verdade se tudo na vida é mentira escondida nos vultos e sombras das portas a bater?

Entre os dias que percorro a vida descubro o fim da minha linha na minha cama, na minha rua, em que esquina ou casebre, que vontade ou nada do que disse e pouco importa, penso ser verdade este sargaço embrenhado de tantos nadas a cobrirem-me de mantas velhas e sujas de vento e tempo. Somos saúde e saudade e nada nos cansa, já nascemos propícios ao cansaço e por muito pouco nada é tudo. Sinto a hora de me embrenhar num longo e rico descanso, de desmontar destas falésias sonhadas em vozes a repetidos nadas na sala da minha vida, da minha eterna ausência mesmo estando lá.

Poema de Álvaro Santos



ÁLVARO SANTOS

23.01.2015

Álvaro Santos nasceu aos 11 de Junho de 1971 em Kalandula, Malanje e reside na Itália desde 1994. Fez estudos de filosofia e teologia no Seminário Maior de Luanda e na Universidade Lateranense de Roma. É autor de várias publicações como: “As asas da esperança-Le ali della speranza” pela Casa editora Il Pomerio de Lodi (Itália); “Mille giorni in Angola”; “L’uomo mistero”; “Oceano de amor-Oceano d’amore”; “Lui e Telma” pela Casa editora Edizioni dell’Arco de Milão, “O eu do meu eu” pela Casa editora Australivros de Luanda e “O Meu canto de pedra-Il mio canto di pietra” pela Casa editora La Caravella de Viterbo (Itália). Vencedor do Prémio Internacional de Poesia “Sulle orme di Ada Negri” promovido pela Associação Poesia La Vita de Lodi (Milão), é funcionário da Embaixada da República de Angola na Itália.

Até quando?

Até quando
ó vós trevas
continuareis a imperar
sobre a sepultura do sol?

Até quando
ó noite
continuarás a aprisionar a aurora
nos labirintos
das tuas ambições?

Até quando
ó ventos
continuareis a tropeçar
sobre os vossos próprios passos?

Até quando
ó estrelas
continuareis a negar-me
o néctar dos vossos seios?

Até quando
ó destino
continuarás adormecido
naquele leito de bambú?

Não sou poeta
nunca pronunciei palavra alguma
nunca fui nada
nunca sonhei
nunca vivi
nunca tive ilusões algumas

Podeis dizer tudo o que quiserdes
de mim
podeis fazer tudo o que quiserdes
de mim
podeis lançar-me aos braços do vazio
ao aperto do nada
podeis oferecer-me espinhos
cravos
Nunca hei de pronunciar palavra
alguma

Podeis despir-me a alma
arrancar-me a pele da poesia
podeis trancar-me as portas dos
vossos corações
podeis viver abraçados
ao universo de papel que criastes
só para vós
podeis inventar tudo de mim
Nunca hei de pronunciar palavra
alguma

Dizei ao mundo
que sois os únicos seres do mundo
que já não existe mais nada
nem ninguém
Dizei tudo de mim
e de todos
Nunca hei de pronunciar palavra
alguma

Não sou poeta
nunca pronunciei palavra alguma
nunca fui nada

nunca sonhei
nunca vivi

Quem foi
que pronunciou o meu nome?
Quem viu-me passar
e clamou por mim
Quem profetizou sobre os meus
anos?

Disseram-me que eu era filho das
estrelas
que vinha de um planeta que não
existe
que o meu sangue era verde
que os meus sonhos desabrocha-
vam
dos seios das palmeiras
e que os meus anos
despontavam dos astros

Já não me importa
até quando o destino
continuará adormecido
naquele leito de bambú

A mim importa somente
que alguém um dia
pronunciou o meu nome
e me disse
que eu era filho das estrelas!



Vaticínio de Mena Abrantes cumpriu-se

Síndrome do vinagre corrói cinema angolano

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

Em 1986, José Mena Abrantes, escritor, dramaturgo e crítico de cinema, publicou um ensaio intitulado “Cinema Angolano: um Passado a Merecer Melhor Futuro”. O título original havia suscitado a discordância do então director do Instituto Angolano de Cinema, Bito Pacheco, que sugeriu a mudança, pois Mena Abrantes tinha-o alinhavado como “Cinema Angolano: um Passado Sem Futuro”.

Decorridos 32 anos sobre esse episódio, cumpre-se, à letra, o vaticínio de Mena Abrantes. Hoje, até mesmo esse passado é uma manta de retalhos das películas produzidas nos primeiros ciclos do cinema independente, um tempo de devotada paixão à causa da revolução e ao resgate da Cultura nacional, que lavaria à tela filmes como Nelisita, de Ruy Duarte de Carvalho. Manta de retalhos pois que tais películas sofrem o fenómeno do síndrome do vinagre, um processo de encolhimento do celulóide e sua deterioração irreversível, por falta de conservação adequada.

Esta deprimente constatação veio a público no passado dia 4 de Outubro, no painel de debate sobre “Cinema e a Memória Colectiva”, direccionado para a conservação da memória cinematográfica angolana, uma iniciativa do Banco Económico em parceria com a This Is Not A White Cube, que já vai na II Edição do Ciclo de Cinema Messu, a celebrar “A Geração da Utopia – Os Cinemas das Independências” com a curadoria de Maria do Carmo Piçarra. A sessão intelectual foi seguida da exibição do filme Nelisita.

Na mesa do debate sentaram-se o próprio Mena Abrantes, Domingos Magalhães, director de uma Cinemateca nominal, o realizador Mário Bastos (Fradique), sob moderação de Jorge António, também cineasta.

Sob o olhar atento de um público restringido a alguns cinéfilos, jornalistas e outros cidadãos sedentos de conhecimento, o director da Cinemateca revelou dois factos que constituem a cajadada letal no pescoço fílmico do cinema angolano:

1. O síndrome do vinagre, desdobrado em dois aspectos:

a) (físico) – a deterioração química do acervo fílmico devida à limitada protecção das películas;

b) (indução metafórica) – a omissão ou inacção das autoridades culturais, pois, como disse Tatiana Levin no seu artigo “Dos Filmes dos Pioneiros aos Realizadores da Poeira”, “não há no cinema angolano contemporâneo um movimento institucionalizado capaz de dar fôlego a uma produção consistente”.

2. A extinção da Cinemateca, em 2017, através de um simples e-mail endereçado ao seu director, Domingos Magalhães, que nela ingressou em 1978 e à qual devotou o melhor da sua juventude.

Esta constatação levou o jovem realizador Fradique a afirmar que o cinema angolano se encontra hoje em dia, no patamar de “um presente sem passado nem futuro”.

Para além de revelar os meandros em que se encontra a Sétima Arte em Angola, o encontro foi muito produtivo na medida em que os palestrantes traçaram um panorama histórico da produção fílmica pós independência e do rocambolesco filme sobre o desgoverno a que o sector ficou votado. Para ilustrar este estado de coisas, bastou o

realizador Fradique explicar que, para a realização do filme-documentário “Independência”, teve de recorrer ao exterior, com custos elevadíssimos, para obter cópias de imagens



Mena Abrantes, Jorge António, Domingos Magalhães e Fradique

e que o material sobre a declaração da Independência, em posse da TPA, está em péssimo estado de conservação.

A Cinemateca não conseguia cumprir o seu papel de proteger as diversas gravações, que incluem os jornais da actualidade da primeira República, e sobras de filmes, porque não havia dinheiro para combustível do gerador e o ar condicionado avariava semanalmente. A solução aventada e aprovada superiormente de digitalizar o acervo nunca foi levada à prática, num país com um erário que dava para comprar a Lua.

Cabo Verde, pequeno país irmão, continua a realizar festivais de cinema. Moçambique até possui um Museu do Cinema. “Porque é que Angola foi para este caminho?”, ficou esta pergunta lançada pela mesa do debate.

Este caminho que agora o sector do cinema atravessa é o que criou a americanização fílmica da juventude angolana, pois as salas de cinema de Luanda apenas exibem o que vem do Ocidente, como se em África não existisse um gigante da indústria cinematográfica que é a Nigéria.

NOTAS À MARGEM

O filme “O Caminho de Ferro de Benguela”, realizado por Artur Pereira em 1913, é o primeiro registo datado de cinema em Angola.

Desde finais dos anos 1960, os registos sobre a guerrilha anticolonial efectuados pelo Departamento de Informação e Propaganda do MPLA e os filmes *Monangambé* (1971) e *Sambizanga* (1972), de Sarah Maldoror, inspirados em obras de Luan-dino Vieira, antecipam um cinema de intervenção que se vem a consolidar com a independência do país.

Domingos Magalhães considera que os filmes angolanos produzidos pelo antigo Laboratório Nacional de Cinema, entre os anos 1975 e 1982, são parte “do nosso património audiovisual e da nossa memória colectiva”.

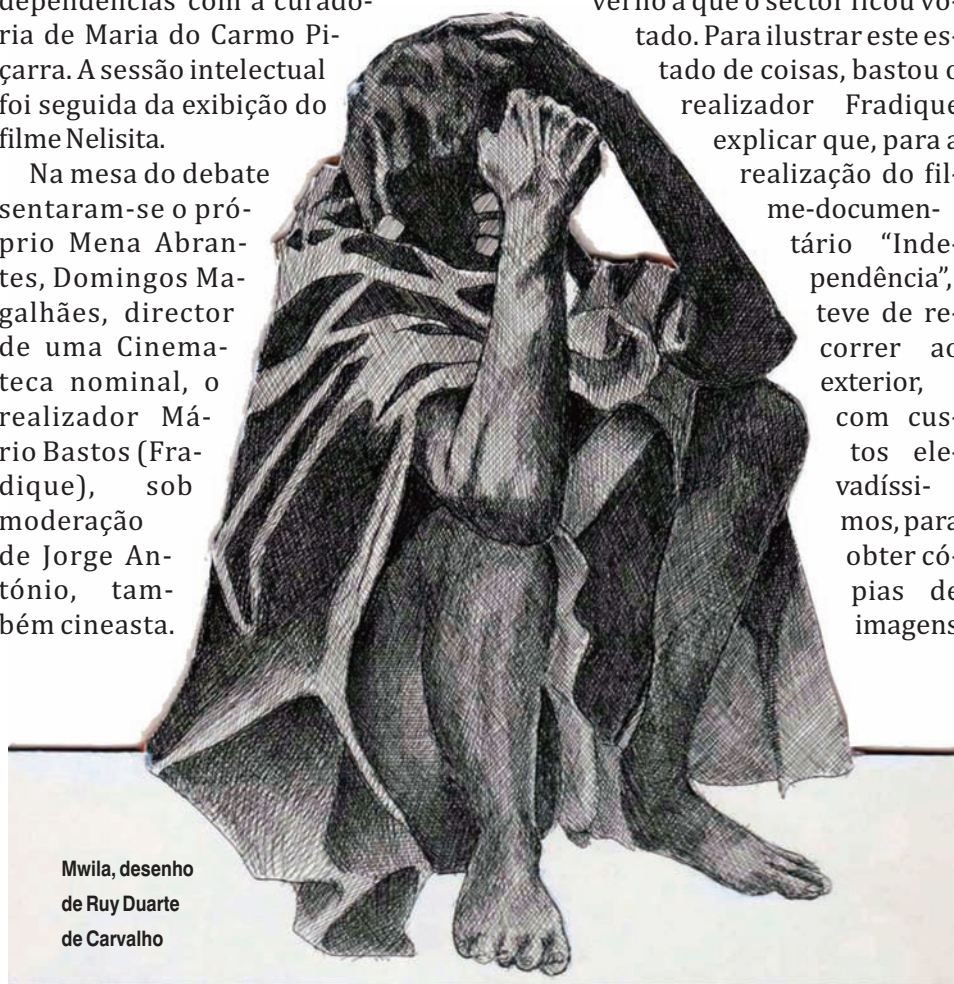
Nelisita, 1982, uma produção do Instituto Angolano do Cinema, mere-

cedora de um prémio no Fespaco, festival do Burquina Faso, e a crítica nos *Cahiers do Cinema*, marcaria o último fôlego do breve momento do cinema angolano, mergulhado depois num grande marasmo de impossibilidade.

Em 1985, a única produtora de cinema existente era o Laboratório Nacional de Cinema, e esse mudou de sede, tendo sido seu acervo destruído ou perdido no processo.

Em 2003 é criado o Instituto Angolano de Cinema, Audiovisuais e Multimédia (IACAM) e traçado um plano para a recuperação, restauro e conservação do acervo fílmico de Angola.

Segundo Mena Abrantes, de 2001 a 2005, começaram a surgir “sinais de revitalização”, pelas expectativas criadas com o fim da guerra e surge um movimento da periferia, designado “cinema da poeira”.



Mwila, desenho de Ruy Duarte de Carvalho

Viagem a Poto-Poto

O regresso às origens de Kapela

ADRIANO DE MELO

O que representam as nossas origens? Qual o papel destas na construção dos integrantes de uma sociedade? São estas as perguntas que o artista plástico Kapela Paulo propõe para quem for visitar a sua mais recente exposição, “Regresso a Poto-Poto”.

A mostra, que está patente ao público desde Agosto e continua aberta até ao próximo dia 23, na galeria ELA (Espaço Luanda Arte), procura chamar a atenção para a importância das origens na construção da identidade cultural, principalmente nesta nova era marcada pelo digital, em que a globalização tem se tornado num factor de aculturação dos jovens.

Para Kapela, “Regresso a Poto-Poto” não é simplesmente o retorno ao local onde aprendeu a gostar das artes, é também uma viagem pelo imaginário cultural de África, que a torna um continente rico em identidade e muito assente nas suas raízes, apesar de toda a diversidade.

Numa altura em que a reafirmação da identidade é uma questão que se torna cada vez mais preocupante, em especial para os países menos desenvolvidos, que, geralmente, acabam por se tornar “vítimas” da globalização e da sua aculturação, Kapela usa a pintura para destacar a riqueza da cultura africana.

Os quadros, na sua maioria pintados com cores vivas, de forma a realçar a alegria que existe no continente, mesmo dentro da diversidade étnica, cultural e linguística, trazem à memória de quem visita a exposição conceitos culturais, que enaltecem a identidade africana. As danças, como kimbonguila, feita para “chamar” a paz, ou mesmo a importância de uma

maior união dos “Mundos” África, estão entre os destaques de algumas das pinturas expostas.

Costumes como caça, agricultura, pesca e muitos outros que são parte de muitas das tribos africanas também são colocados em evidência ao longo da exposição, assim como as histórias em volta da fogueira e as máscaras nas suas diversas formas, por serem uma parte essencial da cultura africana, que precisa continuar viva, para que os jovens não esqueçam as suas origens.

Os apelos a paz, a importância da criação de uma melhor sociedade para os africanos, também estão entre as preocupações do artista, que depois de 50 anos de ausência decidiu regressar à República do Congo, em particular à sua capital, Brazzaville, e à Escola Poto-Poto, onde teve a sua iniciação nas artes. Hoje com 71 anos, Kapela foi até a escola onde fez a sua formação, nos anos 60, e recordou o que aprendeu, assim como alguns artistas da sua geração, que já faleceram. É esta viagem a um mundo, que embora seja conhecido do artista continua a apresentar novidades que Kapela explorou e propõe para apreciação do público no ELA.

Tradição e história são o centro pelo qual nasce a recriação de toda essa viagem, fruto da sua visita a Poto-Poto, e que traz toda uma perspectiva única e original, com a qual o artista já habituou o seu público, ao construir narrativas artísticas com base na sua vivência e na memória.

No final, cada visitante vai sair com a ideia de ter conhecido um pouco mais sobre a vida no Congo e da Escola Poto-Poto, em particular, e de África, no geral. Tal como uma vez disse o Dalai Lama: “Dê a quem você ama: asas para voar, raízes para voltar e motivos para



O imaginário e as experiências do artista ganharam forma e deram vida a mostra

ficar”. Com esta exposição Kapela prestou a sua homenagem às suas origens e à escola onde aprendeu os meios técnicos para expressar a sua arte.

O expositor

Kapela Paulo nasceu no Uíge, em Maquela do Zombo, em 1947. Actualmente vive e trabalha em Luanda. Como autodidacta começou a pintar em 1960 na Escola Poto-Poto, em Brazzaville, República do Congo.

A viver e a trabalhar em Luanda desde 1989, primeiro no edifício da União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP) e depois no Beiral, com passagens pelo Palanca e hoje na Vila Alice, Kapela começou a expor internacionalmente em 1995, tendo já participado em exposições como “África Remix”, que “viajou” por Londres, Paris e Tóquio. Em 2003 venceu o prémio CICIBA (Centro Internacional de Civilizações Bantu), em

Brazzaville. Quatro anos depois, em 2007, participou na mostra “Check List Luanda Pop”, durante a 52ª Bienal de Veneza, na Itália.

O seu nome constou entre os convidados da 2ª Trienal de Luanda, em 2009, e participou na exposição colectiva “Luanda Smoth and Rave”, na França. Em 2013, a sua obra esteve exposta na mostra “No Fly Zone”, em Portugal.

A sua primeira exposição individual, denominada “Kapela”, foi realizada em 2015, em Luanda, na galeria Tamar Golan. No mesmo ano apresentou uma outra mostra, também individual, “Entre Suplícios”, na galeria Hall de Lima Pimentel, na capital.

Na galeria ELA, kapela começou a realizar exposições em 2016, quando participou na mostra colectiva “Velhos Papéis, Novas Histórias” e no ano seguinte quando apresentou “Luvumu + Nzola | Paz + Amor”.

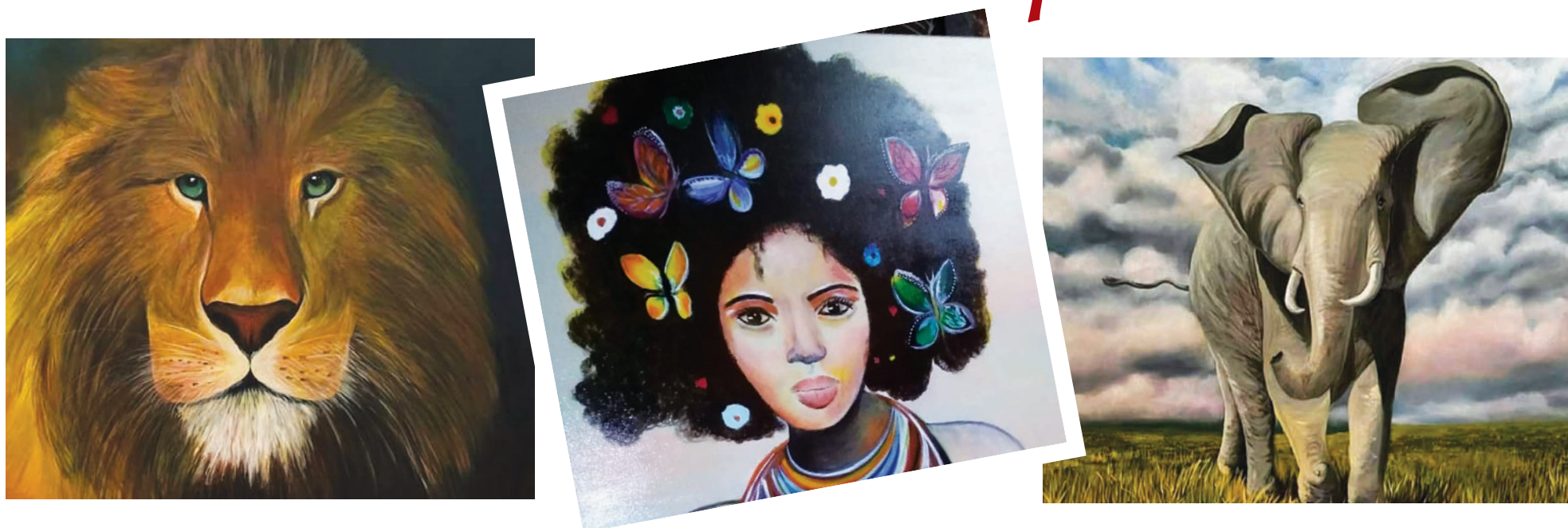


Um pouco de tudo o que viveu está a ser apresentado ao público no espaço ELA



Rituais e costumes de alguns povos africanos expostos em quadros

2018 Artcom Expo



Márcia Dias expõe em Paris

A artista plástica angolana Márcia Dias vai participar na Exposição Internacional Carrousel du Louvre, em Paris.

A exposição decorre entre os dias 19 e 21 de Outubro, no âmbito da Artcom International Expo Association.

Actualmente a residir em Portugal, Márcia Dias nasceu sob influência do signo caranguejo e do calor de Junho, daí se explica a sua personalidade criativa e a forte entrega e paixão pelo mundo das artes.

Ao longo do seu percurso como pintora, deu a conhecer a alma africana. É intuitiva e utiliza as suas emoções expressando na "Arte de Luz" a sua personalidade. Muito nova rumou para as latitudes frias, Suécia, e aí nasceu o seu amor pela pintura.

O seu fascínio pela arte fê-la aprender mais e aperfeiçoar várias técnicas. A sua evolução foi natural e gradual; buscando a luz e as cores fortes, ambas foram surgindo na sua pintura e reencontrou-se com a natureza característica da Angola que não esquece e procura projectar em qualquer parte do Mundo. As cores quentes, fortes e alegres são a marca que propõe aos apreciadores de arte a viajar pelas belas savanas africanas invadindo pensamentos com muita cor e alegria. O Sol e a natureza são a sua maior inspiração.

Márcia Dias afirma que tudo aquilo que pinta, tem um pouco de si: «eu não me inspiro em temáticas, nem objectos. A pintura para mim tem de transmitir a liberdade de criar. Gosto de pintar natureza, poesia, emoções e sentimentos». Começou a pintar na



adolescência, tendo assumido verdadeiramente a sua alma de artista nas duas últimas décadas.

As suas peças foram adquiridas por particulares espalhados pelo Mundo: Angola, Portugal, passando pela Suécia até ao Brasil e Dubai, entre outros.

A entrega aos outros têm-na impulsionado a colaborar na angariação de fundos com Instituições de Solidariedade, ofertando também obras da sua autoria e recentemente abraçou um projecto de assessoria cultural na Casa de Angola e consequentemente contribui de forma apaixonada para a dignificação de artistas plásticos.





LUÍS DAMIÃO



LUÍS DAMIÃO

Congolândia no Camões

Os (des)encantos nos Multiversos de Thó Simões

ADRIANO DE MELO

Sem estilos ou correntes para limitar a sua criação artística, Thó Simões desafiou os limites do seu imaginário para criar uma (des)construção dos vários multiversos da consciência, erguidos sobre uma análise social, que denominou “Congolândia”.

A exposição, que esteve patente no Camões, até à passada quinta-feira, dia 4, incluiu pintura, instalação e performance, estilos multidisciplinares a que o artista já acostumou o seu público. Porém, para inovar e dar “uma pitada” diferente à “Congolândia”, Thó Simões explorou o papel da performance, como instrumento ideológico que veicula ideias sobre a cidadania e a comunidade.

Para a sua performance, o artista convidou congéneres seus, que em tons de preto e branco, deram ao público que assistiu a cerimónia de inauguração no Camões - Centro Cultural Português momentos singulares. A maioria das pessoas ficou impressionada pela simplicidade e a “actuação” dos performistas.

Tendo como referência o trabalho da norte-americana Rosalee Goldberg, uma das maiores promotoras da performance artística a nível internacional, como comparou a directora do Camões, Teresa Mateus, “Congolândia” trouxe à análise do público uma nova forma de ver a arte contemporânea, com a inclusão de várias disciplinas numa única exposição, onde todas sobressaem em simultâneo. O objectivo da inclusão deste conceito, como destacou Thó Simões, é apresentar a “arte como um processo democrático de escolhas efectuadas pelos espectadores”. Com base nesta ideia, o artista utilizou o público como “material” para poder criar “Congolândia”, uma exposição na qual os visitantes poderiam se envolver e participar de forma activa.

Embora alguns teóricos acreditem que a performance artística tenha as suas origens na antiguidade, o termo ganhou uma maior dimensão nos últimos anos, como forma de agregar vá-

rias disciplinas, como a dança, música, mímica, ou malabarismo, numa exposição de arte, e “Congolândia” trouxe um pouco destas expressões artísticas. Na mostra, a performance surge como um meio libertador por excelência e também um compromisso com os espaços sociais diversificados.

Thó Simões procurou igualmente explorar a performance na sua dimensão mais vanguardista, de tal forma que qualquer meio utilizado por si na exposição é visto como uma marca do seu percurso artístico e uma forma de completar a sua urgência interior de pesquisa e estudo de algumas dimensões da arte contemporânea.

Como um aspecto recorrente na sua arte, o criador fez uso de várias linguagens artísticas para reafirmar a sua aposta na multi-diversidade, de uma forma mais abrangente, ao ponto do seu alcance não estar susceptível ao enquadramento em categorias, estilos ou correntes. “Declinando rótulos, Thó Simões pinta, faz colagens, cria arte urbana e digital, performance, instalações, cinema e fotografia. Considera-se ‘simplesmente’ um artista”, defendeu Teresa Mateus.

A directora do Camões - Centro Cultural Português destacou ainda o facto de “Congolândia - Multiversos em desencanto” ser a estreia do artista naquele espaço. “Esperamos que seja a primeira de outras propostas inovadoras, neste tempo em que as novas tecnologias permitem a circulação, à velocidade da luz, de expressões artísticas, como a performance evocada por Thó Simões neste trabalho”.

O ARTISTA

António “Thó” Simões nasceu em 1973,



em Malanje. Fez a sua formação em Arte, em Luanda, onde também manteve os primeiros contactos com artistas de referência na União Nacional dos Artistas Plásticos (UNAP). Anos depois, o artista integrou o “Movimento dos Nacionalistas”, onde começou a demarcar-se dos cânones estético/artísticos então dominantes.

O seu percurso artístico inclui a realização de várias exposições, individuais e colectivas, a nível nacional e internacional, com destaque para Portugal, Itália, Gana, África do Sul e Brasil. A sua principal fonte de inspiração e tema de investigação, recorrente nas suas mostras, são as suas raízes africanas, em geral, e angolanas, em particular.

Os seus trabalhos, que incluem pintura, colagens, arte urbana e digital, performance, filmes, instalações e fotografia, procuram exprimir afectos e alternam influências da arte moderna com a tradicional, com maior incidência para a cokwe, com inspiração no

modo de vida da tribo mumuila.

Actualmente trabalha em projectos de carácter sócio-cultural e ambiental, como o graffiti que faz no Elinga Teatro, contra a destruição do espaço. Também fez parte do projecto Murais da Leba, que levou um grupo de artistas a pintarem murais nas províncias do Namíbe e Huila.



Não quero outra noite agitada, com esta pedra no sapato, a incomodar-me o sono

- Lello, Luanda



ALBANO CARDOSO



Quem é que é afinal o dono do edifício da livraria Lello, que fechou três anos atrás – alguém sabe? Muito se curibota, e isto agora funciona como telegrama, e-mail, recado, o que for, a quem de direito.

A razão é simples, a célebre livraria está toda nua, e muito me apetece vesti-la com obras de arte, como a última da porta, só por isso – tenho a coisa pensada. A imagem é feia, sobre o rácio artistas plásticos, versus espaços de exposição, mais uma variável, na equação, por tanta coisa vazia, e abandonada, na cidade – ninguém fica bem.

Eu cresci com os livros na Lello, desde criança. Depois veio a fase em que as livrarias na cidade não tinham livros – lembram-se? – e as montras, e prateleiras vazias. Chegava-se ao balcão, e a funcionária dizia não há – já se sabia. Até chegar a altura, muito depois, que passando em frente desses mesmos lugares, na antiga livraria ABC, Lello, Mensagem, e quase me surpreendia – no sentido, que me emocionou inicialmente – olhar por acidente, e ver os meus próprios livros, que eu editei, nas vitrinas das livrarias da baixa da cidade.

Em breve ali serão só escombros, entre as dezenas de edifícios abandonados na baixa da capital. Mais um, ou este talvez quicá seja até promovido em algo forrado a zinco azul, com aquele ar de que nada se passa, a não ser um outro abrigo, com porta dos fundos, dos novos, dos antigos e dos futuros, infantes de rua – como é da praxe.

Quero fazer uma mostra individual nesse espaço, encher aquelas

paredes com a minha arte, ainda este ano, antes que isso aconteça – não iria dormir se não dissesse isso. Agradeço qualquer indicação que me possa levar a conseguir a autorização do respectivo dono-responsável do lugar, o mais rápido possível.

Alerta extensivo aos amigos que aqui lerem esta mensagem, e que frequentam os lugares de decisão, e os donos das coisas & loiças todas aqui na terra – só pode ser assim, e até nos ficava bem a todos, sem máscaras nenhuma para ninguém.

Fico à espera, na melhor expectativa, e com uma contraproposta interessante para oferecer de volta. Passei por ali hoje, e já um vidro pequeno está partido da porta lateral na entrada, olhei melhor, a coisa está a descambar à sério, e pensei, é agora ou nunca – mais um lugar que deixou de existir no clássico da cidade, mas acho que lhe cabe um último abraço, merecido.

Queria ser kudurista por uns minutos, e cantar "Lha Vança" da Noite & Dia, ao menos isso. Mas não dá, não tenho esse talento, mas trago aqui uma ideia, e que pede parcerias. O exercício da arte é o patamar civilizacional mais amplo, mais pacífico, mais democrático, mas precisa nutrição, para que contribua para a sociedade como lhe cabe, de volta.

Penso que seria certo homenagear o simbolismo do espaço, na sua memória. Tenho pensado nisso faz tempo, e também muito conforme as coisas me têm corrido aqui no atelier – parece que concorda em pleno. O tempo e a(s) vontade(s) vão falar mais uma vez, como o fazem em constância.

"Luanda Merece Sempre Mais" digo eu amiúde. Acho uma aberração a cidade sem livrarias, nem galerias de arte, e porque vejo o enguiço do "panorama da coisa toda" logo por aí, bem na cauda, naquilo que se come em demasia, e naquilo que se deixa de lado.

Começa a ser doloroso ver tantos braços cruzados para aspectos que de facto são importantes para podermos dizer que alguma vez existimos em sociedade – se é que existimos como tal, ou se francamente nos recusamos, com os olhos fechados a fazer o devido. Rejeitando aquilo que é o prescrito por todas sociedades humildes, conscientes da sua pequenez humana, e investindo na circulação de literatura de qualidade – não é uma aposta, é um investimento inteligente. A promoção e sustentabilidade das artes e dos artistas nacionais deve acontecer como valor primário no alcance da elevação dos níveis educacionais entre os cidadãos, marcados pelos estilhaços da guerra, e das ausências que esse tanto nos trouxe, até às nossas veias, e na marcadas solas por onde passamos.

Juntem-se a mim, para que possa fazer então a exposição de arte na antiga Lello em Luanda, e esta conversa vai continuar por lá, e talvez se junte ao muito mais que existe por aí, pelo valor do conceito cidade funcional – sociedade operativa. Diferente, no que entendo, como agora as primeiras autárquicas ameaçam cimentar esse desprender total do cidadão idóneo, mas promovem a (permanência) do militante do partido, como reitor do espaço público – onde o património, as artes e a cultura continuaram a

fazer apenas parte do acompanhamento dos beberetes e de desfiles de vestimentas, brilhantes por norma. Liberdade então para todos, que seja, de participar; nem deveria ser um problema querer o bem da cidade.

Quem aqui nasceu, cresceu, viveu, brincou, trabalhou, quem foi aos cinemas que já não existem, quem namorou nos parques que secaram, os que gostam de praia, por sinal sem informação da sujidade marítima; quem aqui andou na escola – quando existiam escolas no centro, poderia organizar-se, fazer conhecer suas aspirações, para além do refilar habitual, de direito, mas que levanta mais poeira do que centeio, digo, em jeito de provérbio, mas acho crucial. A cidade merece que se faça mais o bem.

Mas acho que ainda dá, ou talvez agora seja o momento mais certo, para fazer coisas interessantes nesta cidade, com as pessoas e as artes, enquanto nos resta tempo e alguma pulgunza. Venham daí, agora é a Lello, e depois vai ser mais do mesmo, como se sabe, e muito pouco mais por partilhar vai restar, da semente onde todos comemos vida/cultura.

Pronto, agora durmo mesmo. Há quem conte ovelhas, mas nessa nunca entrei, porque me parece viciante – quero é dormir, não quero imaginar ovelhas. Verdade, não podia dormir sem falar da ideia da Lello, o espaço vazio, e eu cheio de obras frescas, era bom, era – mas se fosse para já, é que era bom – e em prol de muita coisa certa para todos.

Albano Cardoso é poeta, fotógrafo, artista plástico – n. Luanda, 1966.

A caça entre os Lubolo e Kibala



SOBERANO KANYANGA

Nunca é demais explicar que o meu engodo pela descrição de factos vividos e presenciados no Lubolu e Kibala resultam da minha descendência Lubolista/Kibalista.

Nestas linhas tentarei trazer à memória episódios distanciados há mais de trinta e cinco anos, mas que se mantêm intactos fruto de idas constantes à região e recomposição dos traços e factos culturais dos povos em descrição.

Embora sedentários, a caça entre os povos que habitam o Lubolu (Libolo) e Kibala é uma actividade de importância transcendental, na medida em que permite o enriquecimento da dieta alimentar. Serve igualmente de exercício para aptidões mentais e físicas. Pois só homens dotados de inteligência e robustez são capazes de conseguir presas e desfazer-se de iminentes predadores.

No Lubolu e Kabala, tal como em toda Angola, o ano é composto de duas estações: a estação chuvosa (nvula) que é mais longa (9 meses) e a estação seca, também conhecida como (kixibo) cacimbo. É nessa última que mais se pratica a caça por meio de queimadas (uximika mwízo).

As grandes extensões de terras comunitárias, incluindo as de caça, são, em teoria, "pertença" do soba/rei. O direito consuetudinário impõe limites geográficos não muito tangíveis, mas invioláveis. Ninguém, sem autorização do soba/rei, deve atear fogo ao capim para a prática da caça.

É o soba ou são os mais velhos da comunidade, competentemente autorizados, a quem cabe delinear o programa de caças durante os três meses de tempo seco.

Antes de se fazerem ao mato para a caça colectiva, são preparados minuciosamente os instrumentos: la honji l'isongo (arcos e flechas), l'ombwa (cães), salamba (cesto de junco para transporte de animais de pequeno porte e carne limpa), tubia/tibia (lume), lambala, (archotes), lungwa (cone feito de malha metálica), mbwety/ñondo (cacetes), etc., bem como o roteiro. As instruções são passadas ao pormenor e o seu cumprimento é seguido à risca. Qualquer desvio pode, não só, perigar a vida dos caçadores, mas também fracassar a caçada. Para a operação, grandes espaços de capim seco são cercados e é



Capa do livro "Angola - No Visor da Máquina Fotográfica e da Carabina" de José Fenykovi

ateado o fogo. A operação é feita de tal forma que os animais que se encontrem no espaço a arder tenham apenas uma escapatória. Geral-

mente áreas já queimadas, pequenas florestas, encostas de rios com pouca vegetação, etc. Terminada a queima do capim e com a ajuda de

cães, arcos e flechas e outras armadilhas e artefactos, passa-se à procura dos animais que tenham escapado ao cerco.

Enquanto os mais velhos da comunidade se responsabilizam por apanhar os animais, os mais novos têm por missão carregá-los até ao local combinado para a limpeza e divisão. Por cada animal carregado, qualquer que seja o seu porte, um pedaço de carne era/é destinado ao transportador. Uma parte (metade do animal) é/era para o caçador e outra para os integrantes da caçada que a repartem em pedaços mais ou menos iguais. Utona é o termo que se aplica ao acto de repartir os proventos da caça entre os caçadores.

Ao (mw'en'axi) "dono da terra" (rei/soba) ficam igualmente salvaguardados os seus direitos. Importantes pedaços de carne vão ao "palácio real" (zemba) para o seu consumo e dos visitantes da aldeia, pois é para lá que se dirigem aqueles que estejam de passagem e que não tenham família na aldeia.

Existe entre os Lubolu e Kibala outras formas de caçar. No período chuvoso ou impróprio para queimadas, usam-se armadilhas metálicas (otwela), rudimentares como a pumba (obolo/indamba), laços (nzomba) e ainda armas de caça. Aqui, sendo actos individuais, o produto da caça isenta-se de obrigações sociais, salvo para com o mw'en'axi e familiares directos.

As armadilhas são normalmente colocadas nos atalhos, por onde passam frequentemente os animais para os locais de alimentação e ou abeberamento, ao passo que com as armas procuram-se igualmente por locais onde se possam encontrar animais que procuram por relva fresca ou água.

Lebres, pacas, seixas, veados, corças, nunces, palancas (castanhas), pacas, raposas, cabras-de-leque, javalis, porcos-espinhos, canta-pedras mangustos e outras espécies são abundantes e, por isso, os mais caçados. Predadores como hienas, leões, leopardos, jacarés e onças também habitam a região. As carnes de moma (jibóia) e de nguvo (hipopótamo) são igualmente apreciadas pelos abundu do Kwanza-Sul. A onça (ongo), enquanto animal "sagrado", deve ser presente ao rei/soba da aldeia e com ele fica a pele, símbolo de poder.

Ngoma e Kisaka



Neves-e-Sousa-Festa-Africana

Nasceu Xoxombo. A escola nomeou-o António Silva. Sabe-se lá, por que carga d'água, na adolescência e toda juventude que não viveu completa, ficou mais conhecido pelo nome de nascença. Xoxombo na escola, na aldeia e até noutras andança pouco conseguidas.

Desde pequeno se revelou inteligente, recatado e pouco dado a traquinices. Não era como o seu puto Sabalu-a Soba, galão galanteador. Os atributos de XOXOMBO fizeram com que, a entrar para os "meses do acordo de Alvor", que se seguiu ao golpe militar na 'metroia', tivesse já a sua quarta classe, do tempo colonial e não doutro tempo qualquer, bem feitiinha. Contava uns doze ou treze anos, algo incomum, naquele tempo, sobretudo para um filho de negro contratado, ainda mais, filho de um simples tractorista que evoluiu para camionista de patrão alemão.

Xoxombo estudou mais. Mas, mais e mais, a vida lhe foi agreste. Chegou a guerra pós-independência e teve de empregar-se como professor brigadista da "Comandante Dangereux", 'combatente da linha de frente', isento, por dois anos, do serviço militar obrigatório. Aos vinte anos, estava em Luanda, capital de sonho de todo o jovem do interior. Era a forma de evitar a farda militar.

No ano em que não lhe foi renovada a licença professoral, teve de voltar à aldeia de Munenga, onde a ausência de "quadros" permitia o ingresso imediato na educação. Contava já uns anitos acima do vigésimo. Sempre jovem polido, trato fino, modos requintados e um português com sotaque saxónico, aprendido dos ale-

mães em cuja casa o pai trabalhava e ele crescera. Xoxombo era, aos olhos das mocitas ardentes de desejos pecaminosos um 'virgem por desflorar'.

- Mano Xoxombo, num me paquera só por cá di quiê? - Questionavam-se sedentas e sedutoras aos olhos cegos de Xoxombo. Só livros. Só debates, só prosa. Xoxombo, para as moças, um invisual.

À roda, no folclore do bairro, à sexta à noite ou noutro dia qualquer luarento, a música era vezeira:

- Wombela, Wombela, Xoxombo Wombela; Xoxombo nange, nange kate okyo wombela.

- Nange, nange, kate okyo wombela; Xoxombo nange, nange kate okyo Wombela!

Felicidade alheia, tristeza sua. António Silva, o mais culto do vilarejo, afogava as mágoas em destilados etílicos que o levavam a fermentar força de rinoceronte na profundidade das águas do Longa, rio de sua natalidade umbilical. E Xoxombo, já sem o pudor da educação do berço, sem mais o comedimento urbano que muito cultivou, sem mais a paciência que aprendera com os missionários, saía em defesa de sua "dama desonrada". Chamava uns tantos impropérios aos que com gargantas ressequidas con-

tinuavam cantarolando. Até que rouco, como as que o insultavam procurando por uma reacção mais erótica, se cansava e ao quarto, no silêncio da cama solitária, se escondia meio satisfeito e meio envergonhado, ouvindo aquele coro que, com o tempo, deixaria de ser chacota.

- Nange, nange, Xoxombo wombela; Xoxombo nange, nange kate kyo wombela!

(de tanto "secar", Xoxombo-nome masculino - teve de infiltrar-se de soslaio na "kandumba" ou caserna, onde os rapazes mais espevitados de sua idade costumam deleitar-se, à calada da noite, da quentura prazerosa de suas musas).

O terreiro em que se canta é um espaço mais largo, entre várias casotas que variam entre o adobe cru e o pau-a-pique, cobertas, umas, de zinco já acastanhado pelas incontáveis chuvas e calor, outras, com colmos de capim que fumegam ao nascer e pôr do sol ofuscado pelo nevoeiro. O chão parece cimentado, de tanto rebatido que está o solo másculo. O folclore é de sempre e já vai na quinta geração.

Apenas os exe-

wombela; Xoxombo nange, nange kate okyo Wombela.

- Nange, nange, kate okyo wombela; Xoxombo nange, nange kate okyo wombela!

A roda progressiva em que dançavam tinha no centro o tocador de ngoma e, à cabeça, a tocadora de kisaka "chocalho". De tão exímios que eram, os maestros pareciam apenas transmitir aos instrumentos, ngoma e kisaka, sinais recebidos do além. Dizia-se que "tocavam com a sabedoria de seus avoengos já há muito nos 'malombe'". Era ritmo e cadência nunca vistos antes.

De repente, o círculo pequeno, no início, abriu-se. Cinco metros de raio e dez de diâmetro a engolir a aldeia toda. Man-Kibyona, afamado trapaceiro, diferente do comedido Xoxombo, meteu-se na dança. Antes, tinha ficado encostado a uma parede a apreciar as dançantes, a comê-las com os olhos. Quando se meteu na roda, as mulheres mais avisadas endireitaram o pudor. A cada aproximação do Man-Kibyona as damas aceleravam o passo para deixar distância à recta-guarda ou davam passo à direita. Isso contribuía também para o alargamento do círculo e a entrada na roda de mais rapazes e raparigas, todos acordados pelo roncar da ngoma, farfalhar íntimo da kisaka e vozes melodiosas espalhadas pelo vento.

Os passos eram cadenciados, curtos e rápidos, às vezes. Dois ou três à frente e menor número atrás. Não se atropelavam. Os pés estavam poeirentos mas não eram pisadelas. Era a participação do solo naquele convívio dançante e repleto de emoção. E, em solilóquio, Xoxombo tudo ouvia e tudo consentia. Os galanteios e os desvaneios.

- Wombela, Wombela, Xoxombo wombela; Xoxombo nange, nange kate okyo wombela!

Um dia sentiu vontade. A coragem terá sido mais forte do que ele fora até à data. Imaginou um quimone apertado, desenhando a mamália. Uns panos riscados e lindos mal amarrados à mbunda que se desprendem do corpo no caminho da dança em que ele era o tocador único de ngoma e ela a tocadora e cantora única de kisaka. Fez do sonho verdade. Ao quinto mês, Kamone era já mulher feita. Nos folguedos com ngoma já o seu dançar era com requinte e discrição. E a chacota encontrou outro personagem.



SOBERANO KANYANGA



cutantes é que se revelam de década em década, ou mesmo nos dias que correm, de quinquénio em quinquénio.

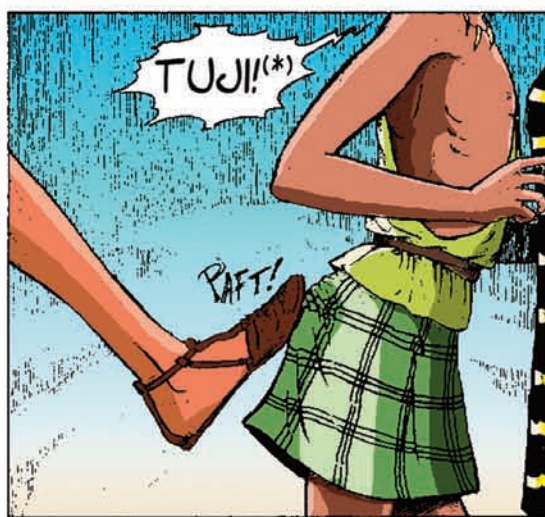
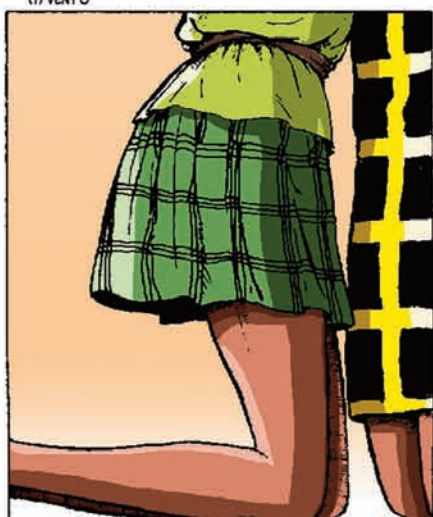
Machos de mostrar o punho e medricas de esconder a espada sempre houve na vida das comunidades. Canções que mantêm a melodia e inovam a letra também.

Essa é apenas mais uma. E o sortudo(?) é António Silva, Xoxombo, o professor de feliz memória.

- Wombela, wombela, Xoxombo



O CANTO DE LUSUNZI



(\$1) MEDDA

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

NA CASA DAS ARTES



© Cisma Comics

CASA DAS
ARTES